

Brilho eterno de uma mente sem lembranças

*Maria Pompéa Ferreira Carneiro**

Como é imensa a felicidade sem culpa
Esquecendo o mundo e pelo mundo esquecida
Brilho eterno de uma mente sem lembranças
Cada prece é aceita, cada desejo realizado

Alexandre Pope

O título desse filme foi tirado de um verso de um poema do século XVII, inspirado num conto do século XI, onde amantes separados por um amor proibido mantiveram-se fiéis até a morte. Como legado deixaram cartas apaixonadas: “Cartas de Abelardo e Heloisa”. Ela, condenada a um convento, se tornou abadeça, e ele, teólogo, escritor e filósofo, foi o responsável pela publicação das cartas de um amor que se eterniza em sua beleza e perfeição, protegido pela idealização e alimentado pela fantasia.

Pode ser apenas um detalhe, mas segundo o pensamento do filósofo Walter Benjamin em seus ensaios sobre fotografia e cinema, é preciso descobrir o cristal do fragmento que nos levará à compreensão do todo, pois através dele podemos captar os sentimentos que um autor busca expressar em sua obra.

É apenas um recorte, um ponto de vista, que certamente não abrange a totalidade da obra e foi a partir do título que encaminhei minhas considerações.

É interessante notar como o filme desde o início salienta o dia dos namorados, tão valorizado na cultura americana, como sendo a data de exaltação do amor, o que ao mesmo tempo exacerba a angústia daqueles que sofrem pela falta ou pelo abandono.

* Psicanalista, membro efetivo e supervisora da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).

Brilho eterno de uma mente sem lembranças é uma história de amor que poderia ser como outra qualquer, com suas dores e inquietudes e com a eleição de um único objeto capaz de satisfazer a demanda, conseqüentemente, com suas frustrações e desencantos.

Mas, para contá-la com mestria, é preciso talento, originalidade, criatividade, o que não falta ao diretor desse filme.

A história não se desenrola como uma narrativa sequencial. Ela é montada por segmentos esparsos, como uma colcha de retalhos, que vamos juntando para compô-la. Construindo, reconstruindo e desconstruindo uma história, através das lembranças, numa luta desenfreada entre apagar as lembranças, causa de sofrimento, e a dor da perda do objeto amado.

Embora o título nos remeta a uma situação milenar, onde o amor se nutria mais de sonhos do que de experiências vivenciadas, e nos traga à contemporaneidade, onde não há tempo nem espaço para se sonhar, é do amor que se trata. Afeto básico em nossa constituição psíquica, sem o qual o sujeito não se sustentaria.

Passado em Nova York, lugar que é o protótipo da vida contemporânea, com seus contrastes, sua pressa, sua ânsia pelo novo, suas contínuas mudanças, seu corre-corre diário, o filme mostra, em meio à multidão, o homem solitário.

Na rapidez própria do mundo contemporâneo, sobretudo no nova-iorquino, tudo acontece em três dias, justamente na época do dia dos namorados.

O filme começa onde os protagonistas, que haviam apagado da memória suas imagens, se encontram como dois estranhos, e se reconhecem na experiência de um retorno do já vivido.

As imagens da cena atual são diferentes, mas os sentimentos são antigos e afloram.

Isso nos faz pensar que as imagens podem ser apagadas de nossa memória, mas que as sensações, registradas em nosso originário pelas emoções, permanecem inalteradas enquanto vivemos.

A história é de um casal, Joel e Clem, que se conhece num encontro casual em um churrasco na praia, promovido por amigos em comum. Iniciam um relacionamento e durante algum tempo mantêm uma relação apaixonada até que o desgaste do cotidiano vai desfazendo o encantamento.

Num movimento tão comum em nossos dias, onde estamos numa busca acelerada e contínua de objetos que atendem a ilusão de objeto ideal, e que uma vez conquistados se tornam descartáveis, Clem busca uma maneira rápida e definitiva de lidar com a frustração que a realidade do dia a dia impunha à relação.

O elemento intrigante do filme está na forma com que inicialmente Clem busca lidar com seus sentimentos. Acreditou que uma forma radical eliminaria todo o sofrimento e o incômodo de uma união que se tornara insatisfatória.

Busca então uma forma de “deletar”¹ de sua memória as lembranças, causa de sofrimento. Procura um cientista e se submete a um procedimento tecnológico apagando de sua memória a imagem de Joel. Este, ao saber disso, se desespera, e faz o mesmo. Mas no meio do procedimento, Joel percebe que ainda a amava e que não queria “deletá-la”.

Na viagem provocada pela técnica de procedimento, Joel vivencia algo como um processo onírico, onde elementos da realidade se fundem, passado e presente se confundem, formando imagens metafóricas e metonímicas que fornecem *flashes* de sua vida passada e de suas vivências de angústia.

Juntando as imagens desconexas, vamos compondo sua história e a de sua relação com Clem, e ele se dá conta de que o que haviam vivido de bom e prazeroso era muito maior do que as experiências ruins.

Joel tenta então interromper o procedimento, mas pela irresponsabilidade e falta de ética dos técnicos, não consegue. No reencontro casual no trem, mostrado nas primeiras cenas do filme, ele e Clem se encontram como dois desconhecidos. Aquilo que parecia um encontro era na verdade um resgate do antigo. O relacionamento se reinicia em novas bases.

Uma vez esclarecidas as razões que haviam desgastado a relação pelos depoimentos revelados durante o procedimento, Clem e Joel puderam se aceitar com suas limitações e seus defeitos, enfim, como humanos, não como seres ideais em busca de uma felicidade perfeita.

Sabemos o suficiente das dificuldades que as relações humanas enfrentam, seus conflitos e frustrações. Sabemos o quanto lutamos contra as lembranças dolorosas e o quanto apelamos, erigindo defesas para fugir do sofrimento.

Seria possível usar uma tecnologia que resolvesse tudo com um passe de mágica?

Como entender melhor o homem de hoje que surge num mundo comandado por uma tecnologia com poderes quase ilimitados?

O sociólogo Zigmunt Bauman nos descreve com maestria o mundo atual e ressalta a liberdade conquistada e o preço que pagamos por ela compromete-

¹ Uso propositalmente a palavra “deletar”, ao invés de apagar, porque penso que este procedimento, como vimos na história, “deletava” as imagens, mas não apagava os registros, as impressões. Como nos computadores, há sempre uma possibilidade de resgatá-las.

tendo nossa segurança, obrigando-nos a restringi-la. Aponta a fragilidade dos laços na contemporaneidade num mundo que segundo ele se liquefaz e as angústias do homem atual em busca de sua identidade.

O olhar da sociologia é imensamente enriquecedor para nossa compreensão do sujeito humano, uma vez que nossa subjetividade vai se constituindo num processo identificatório, onde muitos dos elementos são oriundos do mundo que nos rodeia.

Segundo Piera Aulagnier quando uma criança absorve o primeiro gole de leite, ela absorve junto um pedaço do mundo. É ali, no microambiente que a recebe, e depois no grupo social em que está inserida, que encontrará os objetos que uma vez investidos e representados farão parte da sua subjetividade.

Pensamos num mundo onde a tecnologia alcança espaços inimagináveis, comprometendo nossa capacidade de nos surpreender, despertando uma volúpia do desejo nunca satisfeito.

Buscamos com nossa lente, embaçada por tantos elementos advindos da cultura se movendo rapidamente e de forma confusa, os elementos que verdadeiramente constituem o sujeito da psicanálise, o sujeito do desejo tal como nos foi apresentado por Freud. O sujeito do inconsciente, do caos pulsional em que ele se inaugura à construção de sua história.

Como se sustenta o objeto do desejo em seu deslizamento na busca desenfreada de satisfação diante da multiplicidade de objetos fluidos que se desfazem logo que são capturados e onde o objeto de consumo se transformou em objeto de necessidade?

Penso que a obra de Freud *O mal-estar na civilização* não só permanece atual, mas nos dá subsídios para entender melhor nossos tempos.

Ela nos indica alguns mecanismos que transcendem as particularidades de uma época, não obscurecendo nossa visão sobre os paradigmas da atualidade que ameaçam a sobrevivência de nossa subjetividade, sobretudo na ética da natureza, tão ameaçada pela ética do desejo.

O avanço da civilização, com suas grandes descobertas, sempre foi uma preocupação dos cientistas e dos grandes pensadores. Lembremos a carta de Einstein a Freud onde eles questionavam o uso que os homens fariam de suas descobertas, e a resposta de Freud, postulando em sua teoria a existência de uma força destrutiva inerente a nossa constituição e contra a qual não encontramos defesas eficazes.

As grandes descobertas vêm acompanhadas de grandes ameaças.

As ações humanas, como afirma Freud, estão sempre impulsionadas por dois motivos: um idealista e de união, outro de agressividade e repulsão. Eros e Tanatos amalgamados, um não existe sem o outro.

Não é difícil ver esse movimento intrincado das pulsões no processo civilizatório. Quantos avanços e novas descobertas são utilizados em guerras cada vez mais ameaçadoras. A revolução digital que nos coloca frente a tantas maravilhas traz consigo as *Fake News* e os ataques cibernéticos, com seu potencial inimaginável de destruição.

Nas relações humanas não é diferente. Veja esse diálogo do filme:

“*Eu não vejo nada que não goste em você*”, diz Joel.

Ela contesta:

“*Mas vai ver. Você vai pensar em coisas, vai ficar entediado, vai se sentir preso, porque é isso que acontece comigo*”.

Sempre vamos encontrar no amor esse elemento destrutivo trabalhando para a desunião.

De alguma forma, o filme alerta para a ameaça que o avanço da ciência representa a nossa humanidade.

Quem imporá limites a essas possibilidades assustadoras de uma evolução desenfreada?

Quem seriam os guardiões da ética e da moral? E como seriam elas afetadas?

Tudo seria permitido em nome da evolução da civilização?

São questões que só o futuro responderá.

Ninguém nega os benefícios infindáveis que a tecnologia, com seus avanços incríveis, vem trazendo no alívio das causas de sofrimentos da humanidade, especialmente nas apontadas por Freud em *O mal-estar na civilização*, como os sofrimentos advindos de nosso corpo, na luta contra os fenômenos da natureza e nas relações com nossos semelhantes.

Mas não podemos deixar de lado a existência da pulsão destrutiva que cada vez mais separa e destrói o que Eros nos fez unir, buscando alcançar o prazer e a felicidade.

A psicanálise acreditava que com um maior conhecimento de si mesmo, mais conscientes dessa força destrutiva que nos habita, poderíamos contê-la. Ela seria dirigida para impulsionar a busca de novas descobertas e, que os homens poderiam se tornar mais disponíveis a uma participação na vida social, considerando os limites do desejo.

Mas, embora tenha exercido uma grande influência na nossa cultura, modificando costumes, alterando valores morais, dando-nos uma falsa crença de liberdade sobre tudo o que diz respeito à sexualidade, não nos tornamos uma sociedade melhor.

Ao nos liberarmos de nossos recalques em relação à busca de satisfação de nossos desejos, liberamos também nossas pulsões destrutivas. A consciência

delas não funcionou como um antídoto contra um individualismo doentio que se sobrepõe aos interesses coletivos.

Contudo, ainda somos mais humanos do que máquina. Ainda buscamos a felicidade e ainda sofremos por amor.

Penso que esta luta de Eros e Tanatos decidirá o futuro da civilização e sobretudo da nossa essência humana.

O que nos resta é torcer para que Eros vença a batalha.

Janeiro de 2019

Maria Pompéa Ferreira Carneiro

pompea@globo.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

AULAGNIER, P. *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1967.

_____. *Os destinos do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BAUMAN, Z.; DESSAL, G.. *O retorno do pêndulo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

FREUD, S. (1937-1939). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras completas, 21).

POPE, A. Poema “*De Eloisa para Abelardo*”. Inglaterra, 1717.